

Um Domingo em Goiânia

RUBEM BRAGA

A NOITECE, e a noite é boa. As môças de Goiânia fazem o mesmo que milhares de suas irmãs em milhares de cidades espalhadas pelo Brasil estão fazendo nesta mesma noite de estio. Tomaram seu banho à tarde, jantaram, foram ainda uma vez ao espelho ver os cabelos e os lábios, e saíram para dar um passeio. Uma irão ao cinema, outras ficarão girando lentamente, em grupos claros e suaves, em volta desses canteiros floridos, na bela Avenida Goiás.

No Rio, também, as môças passeiam em muitas praças, ao largo das praias ou em volta dos jardins de bairro. Mas esse passeio das môças nesta cidade do interior é um rito tão austero e delicado e tão antigo que eu já nem me lembrava mais. Limpas e penteadas em seus vestidos claros, elas passam entre os rapazes que as olham, de um lado e outro da calçada; ou estão passeando ou sentam em um banco. Aparentemente, as môças não tomam conhecimento, não vêem sequer essas barreiras de rapazes que as vigiam. Vã que cumprimentem os conhecidos na primeira passada, e os cumprimentam discretamente, com um leve gesto de cabeça e a voz baixa. Mas na segunda rodada já passam olhando em frente, murmurando uma para outra suas coisas.

Certamente este senhor melancólico, este cansado forasteiro que, de longe contempla a cerimônia municipal, não sabe seus mistérios. Há, nesta lenta dança monótona, leves trocas de olhares, às vêzes tão leves, tão aparentemente ocasionais que o môço ou a môça não ficam sabendo se foram olhados mesmo, e esperam, para saber, uma outra volta. São cinco minutos até que os passos lentos façam a volta ao canteiro; ela ainda olhará como distraída e encontrará os olhos dêle? Passará conversando com a amiga sem nada ver, ou como se nada visse? Ou êle não estará mais ali ou não voltará a cabeça? Ou os dois olhares se deterão mais um décimo de segundo?

As vêzes — há quase um instante de emoção — um rapaz avança e detém um grupo de quatro môças. Tem alguma coisa para dizer ou perguntar a uma delas, ou inventa que tem. As quatro param, o rapaz diz umas palavras, a môça responde, e depois de um minuto de diálogo elas continuam; quem as acompanhasse veria que alguns passos adiante elas trocam impressões sobre aquela paradinha; uma ri baixo, a outra diz: «Você é bôba.»

È a cerimônia do desfile continua. È uma cerimônia só para jovens; a môça que chega aos 25, 26 anos, sem, ao fim de tantas voltas ao canteiro, através daquela doce e lenta pantomima de olhares e negaças, encontrar o môço que há de passear ao seu lado (noivo) antes de poder lhe dar o braço (casado), essa já deixa de vir ao footing como se fôsse inútil ou ficasse feio; apenas virá um domingo ou outro, ficará em casa tomando conta dos sobrinhos, pois a irmã casada foi ao cinema com o marido.

Assim, parece, è Goiânia. A cidade nova, plantada no planalto, crescendo em ritmo vertiginoso, mantém religiosamente essa valsa muda do passeio à noitinha. O forasteiro não sabe nada do jôgo mais íntimo desses corações, não vê outros encontros, não vai a nenhum baile, não se chega a nenhum portão, ninguém o chama ao telefone. Apenas assiste à valsa muda, talvez pense em outras cidades e numa adolescência longa — e volta ao seu triste hotel.

DN - 15.2.68